

Prezados,

Venho por meio desta relatar um ocorrido na **USF Aparecidinha**, localizada na **Rua Joaquim Machado, 620**, que me causou profunda tristeza, constrangimento e sentimento de desrespeito enquanto paciente.

Acredito que todo profissional da saúde deva tratar seus pacientes com igualdade, respeito e empatia, independentemente da gravidade que, sob sua avaliação, o caso possa aparentar ter.

No dia do ocorrido, cheguei à unidade por volta das 20h30 para atendimento com a **Dra. Mônica Motti – CRM 69.230**. Fui educado, cumprimentei-a cordialmente e, logo no início da consulta, percebi um tom de desprezo ao ser questionado sobre o motivo da minha ida.

Meu dedo encontra-se inflamado e dolorido. Meu trabalho exige esforço físico intenso e uso constante das mãos. Trabalho no setor operacional do Mercado Livre, montando carrinhos com 4 totens, totalizando 16 caixas por montagem. Para quem exerce atividades de escritório, talvez um dedo inflamado pareça algo simples, mas para quem trabalha carregando peso e realizando esforço repetitivo durante horas, isso se torna extremamente doloroso e limitante.

Em nenhum momento fui ao atendimento com a intenção de obter atestado de forma indevida. Sempre fui um trabalhador comprometido e nunca utilizei atestado médico de forma irresponsável. Faltar ao trabalho nunca foi algo comum na minha vida, pois dependo diretamente do meu esforço diário para garantir minha sobrevivência.

O que mais me marcou não foi apenas a recusa do atestado, mas a forma como fui tratado. Senti descaso, falta de empatia e um julgamento superficial da minha condição. Em determinado momento, a Dra. ainda afirmou que eu estaria apontando o dedo para ela de forma agressiva, o que não ocorreu. Apenas mostrei meu dedo para que ela pudesse visualizar a inflamação.

Senti-me diminuído, como se minha profissão e minha condição não tivessem importância. Me senti julgado talvez pela minha condição financeira e por ela ser médica, o tom de superioridade me causou impacto.

A ausência do atestado, para mim, não representa apenas um documento. Representa um dia de trabalho perdido, que fará falta na mesa da minha família. Representa a dor física que preciso suportar durante horas de trabalho pesado, com uma dor muito forte.

Peço, por gentileza, que considerem este relato com atenção e sensibilidade. Não escrevo estas palavras movido por revolta, mas por tristeza e pelo sentimento de injustiça. Apenas desejo que situações como essa não voltem a acontecer com outros pacientes que, assim como eu, sentiram descaso ao ser atendido.

Anexarei a esta manifestação algumas imagens, bem como fotos do meu ambiente de trabalho, para que possam compreender melhor a minha realidade sob a minha perspectiva.

Finalizo este relato dizendo, com muita humildade, que eu sei que sou apenas um trabalhador simples, que acorda todos os dias para trabalhar duro e conseguir sobreviver nesse mundo que não está fácil. Talvez, diante de uma médica, eu realmente não seja ninguém importante, e talvez um dedo inflamado não seja algo grave, algo que pareça pequeno dentro da rotina de atendimentos dela. Mas, para a minha realidade, isso tem um peso muito grande, pois impacta diretamente o meu desempenho no trabalho e, conseqüentemente, a minha vida. No meu trabalho, chego a “bipar” cerca de 1.300 mercadorias por dia no Mercado Livre, em um ambiente extremamente competitivo, onde preciso estar 100% empenhado o tempo todo, pois, se minha produtividade cair, corro o risco real de perder meu emprego. Ainda assim, sou um ser humano que sente dor e que só esperava ser tratado com respeito. Durante a consulta, me senti pequeno, como se minha presença ali não tivesse valor e como se a minha dor não fosse digna de atenção. Saí de lá muito triste, me sentindo desprezado e diminuído. O que mais me machucou não foi a recusa do atestado, mas a forma como fui tratado, como se eu não merecesse compreensão, empatia e humanidade naquele momento.

Agradeço a atenção e a compreensão.

Atenciosamente,
Rafael Boian Francisco



